

**EDUCAÇÃO
SOCIOAMBIENTAL,
HISTÓRIA ORAL E
FORMAÇÃO DOCENTE: A
construção de um projeto
de ensino com pescadores**

SOCIO-ENVIRONMENTAL EDUCATION,
ORAL HISTORY AND TEACHER TRAINING:
The construction of a teaching project with
artisanal fishermen

EDUCACIÓN SOCIO-AMBIENTAL, HISTORIA
ORAL Y FORMACIÓN DOCENTE: La
construcción de un proyecto de enseñanza
con pescadores artesanales

**Juniele Rabelo de Almeida¹
Ademas Pereira da Costa Junior^{2, 3}**

RESUMO

O objetivo da proposta é refletir sobre a construção de um projeto de ensino para educação básica no entrecruzamento das dimensões metodológicas do trabalho com educação socioambiental e história oral. A prática e pesquisa em ensinade História pode integrar saberes escolares e comunitários – contribuindo para a formação de professores em nível superior e visando a melhoria da qualidade da educação pública. O escopo do conteúdo que será tratado no capítulo percorre a elaboração de ações educativas relacionadas à formação continuada de professores de História e alunos da educação básica

¹Professora do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em História Social (USP) e mestre em História (UFMG). Pesquisadora do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/UFF). E-mail: junielerabelo@gmail.com.

² Bolsista de Iniciação Científica do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/UFF). E-mail: apcostajunior@id.uff.br.

³ Endereço de contato com os autores (por correio): Universidade Federal Fluminense (UFF). Instituto de História. Rua Prof. Marcos Valdemar de Freitas Reis, s/n, Bloco O, Campus do Gragoatá. São Domingos. Niterói – RJ, CEP: 24210-200, Brasil.

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p738>

em projetos de história oral (construção de roteiros, gravação de entrevistas e criação de acervos - história oral com pescadores artesanais de Itaipu – Niterói/RJ). Busca-se oportunidade para criação de ações educacionais preocupadas com as dimensões da educação socioambiental - contribuindo para o ensino de história e para prática docente na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação socioambiental; história oral; formação docente.

ABSTRACT

The purpose of the proposal is to reflect on the construction of a teaching project for basic education in the cross-linking of the methodological dimensions of work with socio-environmental education and oral history. The practice and research in History teaching can integrate school and community knowledge - contributing to the formation of teachers at a higher level and aiming at improving the quality of public education. The scope of the content that will be dealt with in the chapter covers the elaboration of educational actions related to the continuing education of History teachers and students of basic education in oral history projects (construction of scripts, recording of interviews and creation of collections - oral history with fishermen Handicrafts of Itaipu - Niterói / RJ). We seek an opportunity to create educational actions concerned with the dimensions of socio-environmental education - contributing to the teaching of history and teaching practice in basic education.

KEYWORDS: Socio-environmental education; oral history; teacher training.

RESUMEN

El objetivo de la propuesta es reflexionar sobre la construcción de un proyecto de enseñanza para educación básica en el entrecruzamiento de las dimensiones metodológicas del trabajo con educación socioambiental e historia oral. La práctica e investigación en la enseñanza de la historia puede integrar los saberes escolares y comunitarios - contribuyendo a la formación de profesores a nivel superior y buscando la mejora de la calidad de la educación pública. El alcance del contenido que será tratado en el capítulo recorre la elaboración de

DOI: <https://doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n4p738>

acciones educativas relacionadas a la formación continuada de profesores de Historia y alumnos de la educación básica en proyectos de historia oral (construcción de guiones, grabación de entrevistas y creación de acervos - historia oral con pescadores artesanales de Itaipú - Niterói / RJ). Se busca oportunidad para crear acciones educativas preocupadas con las dimensiones de la educación socioambiental - contribuyendo para la enseñanza de la historia y para la práctica docente en la educación básica.

PALABRAS CLAVE: Educación socioambiental; historia oral; formación docente.

Recebido em: 29.07.2017. Aceito em: 16.12.2017. Publicado em: 29.06.2018.

Como construir um projeto de ensino, para educação básica (fundamental), na interface “educação socioambiental⁴ e história oral⁵” – juntamente com pescadores artesanais da comunidade escolar local? A partir dessa questão buscamos refletir sobre formação docente e história pública⁶. As ações de iniciação à docência em História, ao integrar saberes escolares e comunitários, podem contribuir para a melhoria da qualidade da educação pública. O presente texto discute alguns eixos para produção de um projeto de ensino, estimulando a elaboração de ações educativas relacionadas à formação de professores da área de História que poderão desenvolver (em parceria com os pescadores artesanais) projetos de história oral que promovam espaços dialógicos entre “escolas e comunidades tradicionais” – com a construção de roteiros, gravação de entrevistas e criação de acervos – trabalho de história oral com pescadores artesanais. Sugerimos, para essa proposta, a construção de um projeto de história oral com os pescadores de Itaipu - Niterói/RJ, atentando para os conflitos socioambientais dessa região⁷. Buscamos, dessa forma, oportunidade para criação de ações educacionais preocupadas com as dimensões da educação socioambiental (com conteúdos sequenciais: materiais para sensibilização e roteiros de visita) para a prática docente na educação básica.

⁴Sobre educação ambiental, cf. LAYRARGUES, 2000; LIMA, 2002; LOUREIRO, 2000.

⁵ Sobre história oral e educação, cf. SANTHIAGO & MAGALHÃES, 2015; TEIXEIRA & PRAXEDES, 2006.

⁶No Brasil o movimento da história pública – práticas que ultrapassam a ideia de acesso e publicização de projetos acadêmicos e promovem a produção e a difusão compartilhada do conhecimento a partir das demandas sociais – tem produzido diversos dossiês em revistas acadêmicas e obras referenciais (coletâneas organizadas): ALMEIDA & ROVAI (2011); MAUAD, ALMEIDA & SANTHIAGO (2016).

⁷Sobre os conflitos socioambientais que envolvem a Região Oceânica de Niterói/RJ, Cf. KANT & PEREIRA, 1997; MOTA, 2014; PAEZ, 2006; VALLEJO, 2005; VALVERDE, 2001.

As reflexões propostas são destinadas para docentes que irão atuar no 6º Ano do Ensino Fundamental (faixa etária: de 10 a 12 anos). O projeto de ensino poderá ser desenvolvido ao longo do ano letivo (1 ano) – vinculado a disciplina História de modo interdisciplinar (envolvendo, diretamente, as áreas de Biologia e Geografia). As ações poderão ser realizadas, na medida do possível, em grupos de quatro ou cinco alunos.

Pensar o ensino-aprendizagem a partir de projetos faz parte das orientações metodológicas da área de História no ensino fundamental – desde os Parâmetros Curriculares Nacionais é abordado o tema transversal “Meio Ambiente”⁸. O projeto de ensino (ou projeto didático) é entendido aqui como um itinerário flexível para elaboração e desenvolvimento dos eixos de ação construídos com a participação direta dos alunos, professores e pescadores artesanais.

É a intensidade do vento e a sua direção o sinal da tempestade que está por vir. Qual é o lugar do homem na natureza? A natureza é algo exterior ao homem? Propomos aqui uma percepção do homem na natureza, atentando para as comunidades de pescadores artesanais. Buscamos compreender os saberes que emanam da interface homem, tempo, tradição e natureza, em acordo com os seus ciclos e suas determinações (Diegues, 2000). Um novo argumento sobre o ensino de História e a Educação Ambiental emerge a partir de ações educativas - que, por consequência, expandem as possibilidades de se compreender as ações para a cidadania (Layrargues, 2000). É uma questão recorrente ao estudar as comunidades tradicionais: Quais são as demandas socioambientais no tempo presente?

⁸Parâmetros curriculares nacionais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2018.

Discutiremos, em especial, um projeto de ensino que envolve e problematiza uma comunidade tradicional de pescadores artesanais. Reflexões para a formação docente são possíveis por meio de um estudo de caso que emerge das reflexões suscitadas para a construção do acervo de entrevistas de História Oral "Pescadores Artesanais de Itaípu" – no Laboratório de História Oral e Imagem, LABHOI/UFF. Os contornos apresentados a seguir devem, antes, ser entendidos como um plano educativo, que abre caminhos para uma proposta pedagógica orgânica. Observamos esta disposição educacional dentro da própria comunidade de pescadores artesanais. Partimos, assim, de uma pedagogia própria a esta comunidade, um projeto educativo comunitário (educação não formal⁹) que busca estimular o compartilhamento de saberes referentes à pesca artesanal. Observamos, assim, distintas leituras sobre a relação "pescador, natureza e tempo histórico".

Esta proposta é direcionada ao professor que irá trabalhar com o ensino fundamental das escolas públicas, municipais e estaduais, com as seguintes especificidades: escolas localizadas nas proximidades das comunidades de pescadores artesanais. Vale acrescentar que a força desse projeto se encontra na interação direta entre professores, alunos e comunidades tradicionais. Reconhecemos também, de partida, que o sistema público de ensino apresenta especificidades e, desse modo, os pontos levantados a seguir visam estimular e não restringir as possibilidades de ação dos professores.

Os eixos e ações deste projeto de ensino nos permitem identificar elementos que estão em consonância com a reflexão sobre o homem em uma perspectiva histórica e socioambiental. No ensino fundamental das escolas públicas, pretendemos relacionar conteúdos curriculares referentes aos

⁹ Sobre educação não formal e projeto educativo comunitário, ver: GOHN, 2013.

diferentes estágios do desenvolvimento técnico do homem. Tais conteúdos previstos – povos nômades e seminômades do Neolítico, passando pelo desenvolvimento da agricultura dos centros urbanos; das colonizações até a revolução industrial – serão mobilizados para problematizar a relação homem e natureza. Emergem discussões sobre as diferentes formas de organizaçãodas sociedades e grupos humanos. A história oral por sua vez será o eixo metodológico nesse processo de ensino/aprendizagem.

O debate sobre a relação “universidade, escola e comunidade” pode ganhar novos contornos a partir da construção de projetos de história oral em sala de aula. Quais saberes e experiências são mobilizados em projetos dessa natureza? Procuramos, a partir dessa questão, estimular as conexões entre *memória e narrativa*¹⁰. Nesse espaço são estabelecidos diálogos cotidianos entre: professores da universidade, professores de história da rede pública, licenciandos, alunos e comunidade. Ações educativas vinculadas aos *procedimentos da história oral*¹¹têm como potencialidade a valorização da “educação para cidadania” durante a formação de docentes em História. Estimulamos uma prática de ensino mobilizadora da memória local, capaz de apontar indícios de construções históricas que, mesmo espelhada em fenômenos de ordem global, representam aspectos das demandas regionalizadas. Importa perceber o princípio de variação das escalas de observação na sala de aula, propiciando uma maior aproximação da realidade social dos alunos. Tal discussão pode ser dimensionada nas aulas de história a partir dos procedimentos da história oral. Ao evidenciar as narrativas dos sujeitos históricos, tal metodologia permite desenvolver e fundamentar análises

¹⁰Reflexões no entrecruzamento “memória e narrativa”: Cf. RICOEUR, 1994; LE GOFF, 1996; POLLAK, 1989.

¹¹Discussões sobre os procedimentos da história oral. Cf. THOMPSON, 1992; BOSI, 1987; ALBERTI, 1989; FERREIRA, 1994; MEIHY,1996; NEVES, 2006.

a partir da constituição de fontes que desempenham papel fundamental na relação entre memória e história.

Para a formação em história oral dos alunos, procuramos mobilizar os diversos saberes (acadêmico e escolar)¹². Consideramos, nos primeiros passos para construção de um projeto, a importância do reconhecimento das dúvidas, inquietações e inseguranças que marcam esse primeiro contato com os pescadores artesanais. Partimos da observação da escola, do corpo docente, dos alunos, da família e das demais variáveis com implicações no projeto de história oral com a comunidade tradicional de pescadores tradicionais.

O objetivo das ações sugeridas por eixos é proporcionar ao aluno experiências e reflexões sobre elementos pertencentes à pesca artesanal, discutindo as dimensões cotidianas das atividades – ao relacionar culturas tradicionais e aspectos socioambientais presentes nas imagens/representações construídas sobre “pescadores e pescaria artesanal”. Dessa forma, ao observar aspectos do desenvolvimento técnico (o que é ser um pescador artesanal hoje?), será possível refletir sobre os “passados presentes”¹³, questionando as tradições e modernidades na relação homem e natureza.

¹² Indica-se, aqui, a importância das discussões sobre as concepções de formação e de docência que ajudam a organizar a experiência formativa – a partir das noções de saber docente e saber escolar, bem como das linguagens na relação entre ensino e aprendizagem de história. Cf. FORQUIN, 1993; TARDIF, 2002; BITTENCOURT, 2004; NOVÓIA, 2007; MONTEIRO, 2007; ABUD, 2010.

¹³ Sobre o trabalho de memória e o conceito de “passados presentes”, ver: HUYSSSEN, 2000.

Conteúdo sequencial: da sensibilização às visitas para a construção do projeto – “comunidade de pescadores artesanais e educação socioambiental”

O desafio foi estabelecido: como integrar professores, alunos da escola e pescadores artesanais de maneira criativa, sem demandar muitos recursos? Pensamos, assim, em um projeto lúdico e engajado, por meio de diálogos impulsionados por temas caros ao movimento da história oral e das práticas pedagógicas inovadoras em educação socioambiental. Buscamos ampliar os olhares sobre o espaço-tempo da escola, e da comunidade na qual está inserida, por meio de formas sensíveis de articulação entre: o pensar, o fazer, o sentir e o produzir conhecimento.

Em um processo de mediação didática priorizamos a qualificação das interações – ao conectar a *arte do encontro*, a *escuta sensível* e o *pensamento crítico* para análise dos processos de construção da educação socioambiental – por meio dos diálogos entre história ambiental¹⁴ e pesca artesanal. Para tanto, diversas atividades foram pensadas “entre a sensibilização e a criação de roteiros de visitas” – uma preparação para o trabalho de história oral.

No *primeiro eixo* “Educação Socioambiental e Pesca Artesanal” sugerimos: 1) Exibição do Filme “Koyaanisqatsi” (1982) – dirigido por Godfrey Reggio com música de Philip Glass e cinematografia de Ron Fricke. Propõem-se a utilização deste filme como um ponto de partida para composição do restante das atividades. O objetivo é deslocar o aluno a uma profundidade de contrastes, entre as imagens da natureza e as cidades. Sua linguagem é

¹⁴ Sobre história ambiental: Cf. DRUMMOND, 1991; DUARTE, 2005; PÁDUA, 2010; WORSTER, 1991.

acessível, em uma composição harmônica de imagens e sons.2) Leitura de trechos da obra "A Queda do Céu. Palavras de um Xamã Yanomami"(Kopenawa; Albert, 2015). Esta obra permite discutir a visão "homem e natureza" - negando a ideia da natureza como objeto a ser apropriado e transfigurado em proveito do progresso da civilização. A visão de um homem que problematiza a sua dependência "mercadológica" é a questão emergente nesse debate.3) Leitura do livreto *Pescando Histórias* produzido por um pescador artesanal tradicional de Itaipu (Niterói/RJ). A leitura estimula o contato com os elementos da memória social da Comunidade Tradicional de Pescadores Artesanais de Itaipu. O livreto organizado por Jairo Augusto de Souza, pescador artesanal tradicional, juntamente com a sua esposa Eliana Leite, apresenta imagens, fotografias e um texto latente sobre a dimensão histórica dos fenômenos naturais; esses elementos situam pedagogicamente aspectos da compreensão sobre os saberes naturalísticos (Lima, 1997). São abordadas questões que envolvem o desenvolvimento urbano e as suas consequências para o equilíbrio natural. Um dos exemplos é o relato sobre a abertura permanente do "Canal de Itaipu" - um conteúdo sensível da comunidade em questão (que envolve conflitos sociais relativos à especulação imobiliária e aos problemas ambientais decorrentes). A partir deste evento é possível refletir sobre as formas de agência da cidadania e, como cada vez mais, ela está associada à problemática socioambiental.

Já no *segundo eixo "Construção das visitas interpretativas mediadas à comunidade de pescadores"*, indicamos:1) Exibição do vídeo: Arrasto de Praia em Itaipu (1976) de Beto Barcellos, com duração de nove minutos e de "Itaipu era uma Praia só", com duração de quarenta minutos. Ambos os documentários podem ser encontrados no You tube. 2) Rodas de conversa (após a exibição dos vídeos) sobre aspectos da memória social da comunidade de pescadores, para contextualizar a visita. Discutir as imagens dos documentários para estimular a

exposição dos conteúdos, expandindo as referências e relacionando com as experiências dos alunos de forma construtiva, a fim de estabelecer um vínculo orgânico em todo o processo de aprendizagem. 3) Visitas mediadas: a experiência é fundamental no processo de aprendizagem. Os alunos serão convidados pelo professor em uma visita que buscará interações com o cotidiano dos Pescadores. Esta interação direta visa o reconhecimento dos espaços onde se executam as pescarias e o seu entorno. Enriquecendo a aprendizagem do aluno tanto em sua dimensão social quanto no que se refere à significação dos elementos naturalísticos da região em que habita. O objetivo é fortalecer a conexão dos saberes (com os mestres da pesca artesanal) e uma sensibilização para o reconhecimento de problemáticas sociais, culturais e ambientais. Intensificando, assim, as circunstâncias em que o mesmo pode se reconhecer como cidadão. Esta etapa tem como objetivo uma experiência construtiva que ultrapassa os muros da escola.

Para o *primeiro módulo da visita*: observação da reserva, da fauna e flora nativa, em uma visita aos arredores da comunidade de pescadores. Neste caso, o Morro das Andorinhas é o ponto de acesso que permite este contato, já que se trata de uma área que pertence ao Parque Estadual da Serra da Tiririca¹⁵, parte da Floresta Atlântica. Do seu topo a vista permite identificar outras composições naturais específicas desta região, como as lagoas de Itaipu e Piratininga, e as três ilhas que se situam a frente da enseada de Itaipu, e o Canal que divide Itaipu de Camboinhas.

Já o *segundo módulo da visita* parte do reconhecimento do conteúdo histórico, no que se refere ao registro da ocupação humana. Buscando traçar os seus vestígios em congruência com a observação das especificidades naturais

¹⁵ Sobre o Parque Estadual da Serra da Tiririca, cf.: SIMON, 2003; BARROS & PONTES, 2003.

que geravam condições a sua adaptação e permanência. Em Itaipu (Niterói-RJ) isto é possível tanto em vista os registros arqueológicos pré-históricos dos povos sambaquieiros¹⁶. E, também, do período colonial – como Igreja de São Sebastião de Itaipu e do Recolhimento de Santa Teresa¹⁷. Ambas estruturas pertencem ao século XVIII.

No *terceiro módulo da visita* temos a observação do cotidiano dos pescadores e de possíveis interlocutores, buscando retomar os temas que foram debatidos nos vídeos e textos sugeridos no início do projeto. A forma como se estabelece este contato entre os pescadores e o meio ambiente indicaria aos estudantes um tracejado de ações que entrecruzam saberes e a disposição dos elementos naturalísticos¹⁸ encontrados a sua volta.

Para finalização dos módulos sugerimos a confecção de um painel com desenhos e gravuras sobre os elementos cotidianos da comunidade de pescadores artesanais – atentando para a integração “natureza e sociedade”. Observando, para tanto, as espécies da fauna e da flora e os objetos utilizados para se apropriar dos recursos naturais. Sugerimos que o debate busque um contato mais próximo com a realidade do aluno. Para isso vale insistir nas questões: O que é a natureza? Como observamos, em uma perspectiva histórica, o desenvolvimento técnico do homem?

¹⁶ Sobre os vestígios arqueológicos encontrados em Itaipu, cf.: KNEIP, 1979, 1981; MORGADO 1997; HERINGER 2014.

¹⁷ Sobre este edifício que atualmente abriga as instalações do Museu de Arqueologia de Itaipu - MAI, cf. SOUZA, 2012

¹⁸ Sobre a identificação destes elementos pelos pescadores artesanais de Itaipu e a composição dos “Saberes Naturalísticos” cf.: KANT DE LIMA 1997; MIBIELLI, 2004.

O projeto de história oral com Pescadores Artesanais de Itaipu (Niterói/RJ)

A partir das discussões sobre educação socioambiental e cidadania, os alunos são convidados à realização de entrevistas com os pescadores artesanais de Itaipu (Niterói/RJ). Inicialmente, ocorre uma dinâmica na qual o professor sensibiliza a turma para ressignificação da escuta sensível. Um “pescador artesanal”, da localidade na qual escola está inserida, entra na sala, para narrar brevemente histórias da sua comunidade. O depoimento pode enfatizar tanto dificuldades enfrentadas pela comunidade de pescadores quanto os aspectos culturais da tradição pesqueira.

Logo no início da atividade, cada estudante é orientado a atentar para o que está escutando, buscando imaginar as situações narradas. Para expressar “o que se imaginou”, após estimular a escuta sensível, é realizado um trabalho em trios: confecção de cartazes com frases e desenhos (cartolina, tinta, lápis de cor, giz de cera...) a partir das reflexões suscitadas pelo processo de “ouvir o outro”. Em uma roda de conversa, cada trio (ou grupo) apresenta o seu cartaz. Esse é o momento oportuno para o professor comentar a prática pedagógica e construir com a turma o projeto de história oral. O clima vivenciado no espaço, entre a exposição, a interação entre os alunos e a proposição do trabalho, potencializará os estímulos da escuta sensível.

Outra forma de sensibilização está na *observação de entrevistas com pescadores (áudio e transcrições de acervos já existentes)*. Refletindo, assim, sobre os usos da metodologia da história oral como ferramenta pedagógica. Utilizar exemplos dos trechos de entrevistas (acervo do Museu de Itaipu e do LABHOI/UFF) que podem ser selecionados previamente pelo professor, facilitando as suas condições de exposição em sala. Cabe também ao professor

refletir as condições de adaptação desse plano educativo em suas escolas. É necessário que os alunos selecionem trechos das entrevistas em que fiquem expressos os temas que correlacionem os aspectos da tradição do grupo à suas demandas socioambientais.

Preparação das entrevistas

Os alunos, após a sensibilização e todo o trabalho de campo realizado durante as visitas, formam grupos/equipes para definição dos pescadores a serem entrevistados (observando suas formas de engajamento em ações comunitárias). Cada grupo realiza uma entrevista (sujeito histórico escolhido) – que irá compor, em conjunto, o acervo de história oral da turma. Os alunos, divididos em grupos, redigem uma breve justificativa para a escolha do pescador – aspectos da sua história de vida. Para o agendamento da entrevista os alunos contatam o “sujeito histórico” escolhido (durante a visita) para realização do convite. Nesse contato, apresentam os objetivos do projeto de história oral, ressaltando a importância da entrevista a ser concedida. Com o aceite, o grupo agenda o encontro para entrevista.

Após o agendamento, os grupos iniciam o processo de elaboração da entrevista, construindo perguntas/estímulos que permitam construções narrativas sobre as representações que os pescadores constroem sobre a sua comunidade. A construção do roteiro de entrevista (semiestruturado) deve focalizar aspectos da pesca artesanal a sua dimensão socioambiental. A atenção deve se voltar às interações possíveis entre o conhecimento da relação do homem e da natureza vivenciada pelo cotidiano destas comunidades, a fim de propor diálogos (entrevistadores/entrevistados), que situe a reflexão do desenvolvimento técnico humano junto a sua capacidade de interagir com equilíbrio ecológico. Esta ação coloca o aluno em relação direta com o

processo de construção do saber histórico. A proposta se dá de maneira progressiva, em comum acordo com as necessidades de ensino/aprendizagem. Cada entrevistado disserta, o mais livremente possível, sobre sua experiência pessoal, segundo sua vontade e condições.

Gravação e filmagem amadora das entrevistas

Inicialmente, os licenciandos e alunos envolvidos no projeto, escolhem uma câmera ou, até mesmo celular, capaz de fazer gravações com boa resolução – priorizando aparelhos que filmem em Full HD. Independentemente do modelo de câmera, alguns cuidados diminuem problemas recorrentes em gravações: 1) Iluminar bem o ambiente da entrevista. 2) Buscar um apoio firme. 3) No caso de celulares, existem aplicativos para ajudar na captura de imagem. Essas ferramentas especiais ajudam também na edição e distribuição de vídeos. 4) Transferir o arquivo digital para um computador onde as imagens serão editadas (com backup em hd externo e/ou, arquivá-lo na chamada “nuvem” – na internet por meio de contas gratuitas - Dropbox, Google Drive...).

A partir do agendamento, os alunos (ainda divididos em grupos) iniciam a gravação da entrevista. Pensando em como deixar o aluno mais livre e o entrevistado à vontade, a estratégia é a câmera parada, montada em suporte (câmera do celular ou filmadora digital disponível).

Imediatamente após a entrevista, os alunos solicitam a autorização dos entrevistados: assinatura da carta de cessão dos direitos para o uso da gravação/filmagem do entrevistado. O grupo explica as razões do documento e que não há intenção de explorar comercialmente ou expor a imagem.

Objetivando organizar um breve sumário da entrevista, os alunos indicam os principais temas abordados. Indicam, também, os momentos principais (histórias instigantes, sentimentos dos entrevistados, reivindicações

narradas, etc). Constroem, também, uma ficha para indicar o tempo (durante a gravação) dos recortes realizados.

Rodas de conversa sobre o acervo de entrevistas

São organizadas rodas de conversa para permitir, aos grupos, exporem suas experiências com os entrevistados e refletir conjuntamente sobre a importância dos sujeitos, a partir de suas histórias de vida. Esse momento tem uma dupla importância. Primeiro, porque a socialização torna acessível a todos os materiais construídos. Isso faz com que análises críticas sejam construídas. Em segundo porque, ao destacar as relações entre memória social e história, favorece reflexões para a identificação do aluno (entrevistador) e dos pescadores (entrevistados) enquanto sujeitos do processo histórico. É valorizado o trabalho de construção do acervo produzido pelos alunos e a consulta aos acervos de história oral já existentes. Esta polivalência da narrativa permite esclarecer pontos adjacentes - que vão desde um debate sobre as capacidades técnicas específicas do homem em se adaptar às determinações naturais, que relaciona grupos pré-históricos à revolução industrial e o homem contemporâneo. O salto que propomos é a possibilidade de participação do aluno em seu processo de construção.

Socialização do projeto de história oral

Sugerimos, para a finalização do projeto, um momento de culminância com a apresentação do acervo de história oral - um evento aberto à comunidade externa (pais, familiares, moradores do bairro e a comunidade de pescadores). Para valorização do trabalho, se realiza uma ampla divulgação desse evento com cartazes e em redes sociais. O objetivo é compartilhar o acervo, mas, fundamentalmente, o processo pedagógico - com uma roda de

conversa sobre o processo de construção, inclusive com a participação dos entrevistados. Para o dia da socialização o aluno será convidado a transfigurar as narrativas dos pescadores em um processo reflexivo/crítico – adaptada a uma linguagem apropriada. Assim podem ser construídas entre os alunos diferentes formas de expressão artística (tais como cordel, contos, poesias, quadrinhos etc).

Projetos de história oral possibilitam a resignificação do espaço escolar por meio de um intenso processo de envolvimento coletivo. Os alunos, os professores e os pescadores artesanais ampliam os seus olhares sobre a história da comunidade. Dessa forma, o exercício pedagógico ultrapassa formas tradicionais de ensino, abrindo espaço para o processo criativo. É promissora a construção de acervos de história oral como uma prática escolar. Quando planejado adequadamente poderá envolver toda a escola e comunidade. Encanta, nessa prática, a possibilidade dos alunos construírem uma escuta sensível atenta às nuances da memória coletiva. Nesse exemplo de projeto foram explorados aspectos da história do tempo presente – preocupada com questões socialmente vivas e narrativas dos sujeitos históricos.

Considerações finais: O trabalho de história oral entre alunos, professores e pescadores

Nas culturas escolares (entre sujeitos, saberes e práticas)¹⁹, ao historicizar as memórias, emergem problematizações sobre o lugar e o tempo dos alunos, professores e comunidade envolvida – nesse caso os pescadores artesanais. As memórias são projetadas e materializadas em representações verbais por meio dos procedimentos caros a história oral.

¹⁹ Reflexões sobre culturas escolares: Cf. BENCOSTTA, 2007.

Em projetos de história oral é possível observar a seguinte dinâmica: as memórias dos entrevistados, construídas a partir das suas experiências sociais, são expressas em múltiplas elaborações narrativas. Ao mesmo tempo, os entrevistadores (alunos das escolas) podem, a partir das entrevistas, questionar aspectos da memória social e discutir a constituição de identidades coletivas em espaços de reconhecimento/diferenciação para uma educação socioambiental.

A observação dos processos históricos, relativos às experiências dos indivíduos e coletividades no tempo, torna possível inscrever análises sobre valores, tradições, práticas e representações partilhadas por grupos. O movimento da história oral, em diálogo com as práticas de ensino de história, possibilita a implementação de ações educativas que inferem caminhos para uma inserção colaborativa e integrada dos professores e alunos no cotidiano das comunidades tradicionais. Tais caminhos são possíveis a partir do entrecruzamento “experiência, memória e oralidade” e fornecem instigantes subsídios para o ensino de História e para a pesquisa dos processos educacionais – observados e apreendidos a partir das relações histórico-sociais, políticas e culturais que os envolvem. Com isso, o aluno, o professor e o pescador artesanal assumem o lugar de produtores do conhecimento histórico.

Experiências em história oral se estabelecem, nas escolas, como espaço de socialização (local de participação e suporte para registros da vida cotidiana) e como espaço de aprendizagem. Ao elaborar e realizar entrevistas, que partem de um projeto, os alunos começam a observar múltiplos aspectos da construção da memória coletiva – lembranças, silêncios e esquecimentos – a partir das

preocupações do tempo presente²⁰. Por meio das narrativas resultantes do trabalho de história oral são observados os itinerários da memória– indicando vestígios, marcas e emblemas da memória coletiva que poderão ser analisados a partir das escolhas realizadas no projeto de história oral que prioriza os processos educacionais.

Ações pedagógicas no campo da oralidade tem como horizonte, para além da realização das entrevistas a partir da rede estabelecida, a possível entrega dos textos resultantes das entrevistas para os narradores (pescadores artesanais); bem como a disponibilização das entrevistas e das publicações delas decorrentes por meio de critérios de abertura ao público. Tais etapas de realização da história oral pretendem o respeito à narrativa autorizada pelo narrador. O entrevistado relata suas experiências de vida em um diálogo com o entrevistador (aluno) – que assume o compromisso de “guarda”. Aspectos da memória e da identidade, objetos essenciais da história oral, podem ser pensados e discutidos a partir das entrevistas.

Na atribuição de significados para os múltiplos vestígios da memória coletiva, o licenciando constrói estratégias educacionais que problematizam as práticas e representações sociais dos sujeitos históricos entrevistados pelos alunos. Dessa forma, as reflexões aqui expostas alimentam reflexões sobre as especificidades do projeto de história oral em sala de aula, bem como as perspectivas e desafios desse trabalho (na interface experiência, memória e oralidade) na educação socioambiental.

²⁰Pollak (1989), partindo dos princípios inaugurados por Halbwachs (1950), destaca o conflito inerente às memórias coletivas.

Referências Bibliográficas

ABUD, Kátia Maria et al. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo. **História oral e movimento social**: Narrativas públicas. São Paulo: Letra e Voz, 2016. Coleção História Oral e Dimensões do público.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ARRUDA, Rinaldo. Populações Tradicionais e a proteção de recursos naturais em unidades de conservação. In. **Ambiente e Sociedade**, ano II, nº5. 1999.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In BARBOSA, Joaquim. **Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas. Identidade e dores da alma entre os pescadores artesanais de Itaipu, RJ. In **Ambiente e Sociedade**, v, VII nº 1 2004.

BARROS, Ana A., PONTES, Jorge A., et al. "Aspectos ambientais e legais da conservação do Córrego dos Colibris no Parque Estadual da Serra da Tiririca/RJ". **II Simpósio de Áreas Protegidas**. Conservação no Âmbito do Cone Sul. Pelotas, RS. Anais, p. 390-397. 2003.

BENCOSTTA, Marcus Levy (org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

DIEGUES, Antonio C. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar.** São Paulo: Ática. 1983.

DIEGUES, Antonio C. **Ilhas e Mares – simbolismo e imaginário.** São Paulo, Hucitec, 1998.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil.** São Paulo: NAPAUBUSP, PROBIO-MMA, CNPq. 2000.

DRUMMOND, José Augusto. **A História Ambiental:** temas, fontes e linhas de pesquisa. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 04, n. 08, p. 177-197, 1991.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **As redes de suor:** A reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba. Niterói, EdUFF, 1999.

DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
FERREIRA, Marieta Moraes, AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria & Educação**, 1992.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal e o Educador Social.** 2ª ed. São Paulo: Cortez Ed., 2013.

HALBAWCS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990 (1950).

HERINGER. Pedro Colares. **Museu como ferramenta de proteção de sítios arqueológicos:** O caso do sítio arqueológico Duna Grande e o Museu de Arqueologia de Itaipu. Rio de Janeiro. UFRJ/MH, 2014.

HUYSEN, A. "Passados presentes: Mídia, política, amnésia". In: Seduzidos pela memória: Arquiteturas, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KANT DE LIMA, R. e PEREIRA, L. F. **Pescadores de Itaipu meio ambiente, conflito e ritual no litoral do estado do Rio de Janeiro**. Niterói, EDUFF, 1997.

KANT DE LIMA, Roberto & PEREIRA, Luciana F. **Pescadores de Itaipu: Meio Ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro**. Niterói: Eduff, 1997.

KNEIP, Lina Maria. **Pesquisas Arqueológicas no litoral de Itaipu**. Niterói - Rio de Janeiro, 1981. KNEIP, Lina Maria. **Pesquisas de Salvamento em Itaipu Niterói**. Rio de Janeiro. 1979.

LAYRARGUES, Phillip Pomier. Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier; LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

LIMA, Gustavo Ferreira da C. Crise ambiental, educação e cidadania: desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C.F. et al. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Teoria social e questão ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. In: **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez editora, 2000.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; CASTRO, Ronaldo Souza de. (Org.). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R.; SANTHIAGO, R. (ORG.) **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MIBIELLI, Bruno Leipner. **Mestre Cambuci e o "Sumiço da Tainha"**: Uma nova imagem da praia de Itaipu. Monografia 71p. Niterói- ICHF; UFF. 2004.

MONTEIRO, A. M. Os saberes que ensinam: o saber escolar. In:**Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MORGADO, Magaly Maria Alves. **Museu de Arqueologia de Itaipu**. s.l. : SENAC,1997.

MOTA, Fabio R. "O meio ambiente contra a sociedade? Controvérsias públicas, reconhecimento e cidadania no Brasil". **DILEMAS**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social - Vol. 7 - no 1 - Jan/Fev/Mar 2014 - p. 39-57.

NEVES, Lucília de Almeida. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PAEZ. Luciano G. **Dinâmica territorial no município de Niterói**: um foco na emergência dos condomínios fechados da Região Oceânica. Dissertação de mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro, 2006.

PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. **Os companheiros**: trabalho e sociabilidade na pesca de Itaipu. Niterói, RJ: EDUFF, 2003.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.

SANTHIAGO, R. "Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a história pública no Brasil". In: MAUAD, A. M. ALMEIDA, J. R.; SANTHIAGO, R. (org.) **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-35.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SIMON, Alba Valéria Santos. **Conflitos na conservação da natureza: o caso do Parque Estadual da Serra da Tiririca**. Dissertação de Mestrado. Niterói, UFF/Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Niterói, 2003.

SOUZA, Willian Martins de. "Parece que não há sobre a terra um requerimento mais justo": práticas de reclusão feminina no recolhimento de Itaipu (1764 – 1822) In: MAIA, Andrea Casa Novaes MORAES, Marieta de (Orgs.). **Outras histórias: ensaios em História Social**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2012, p. 51-71.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PRAXEDES, Vanda; NEVES, Lúcia. **História oral e educação: tecendo vínculos e possibilidades pedagógicas**. In: DELGADO, Lucília Neves; VISCARDI, Cláudia (Orgs.). **História Oral: teoria, educação e sociedade**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

DOI: <https://doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n4p738>

VALLEJO, Luiz, R. **Políticas públicas e conservação ambiental:** territorialidades em conflito nos parques estaduais da Ilha Grande, serra da Tiririca e do Desengano. 2005. Tese de doutorado em Geografia – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.

VALVERDE, L.F. O **papel da estrutura fundiária, das normativas urbanas e dos paradigmas urbanísticos na configuração espacial da região oceânica de Niterói,** RJ. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 2001.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. In: **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 04, n. 08, p. 198-215, 1991.